A SOMBRA DA ROTA DA SEDA

COLIN THUBRON

A SOMBRA DA ROTA DA SEDA

Tradução de
ANA FALCÃO BASTOS

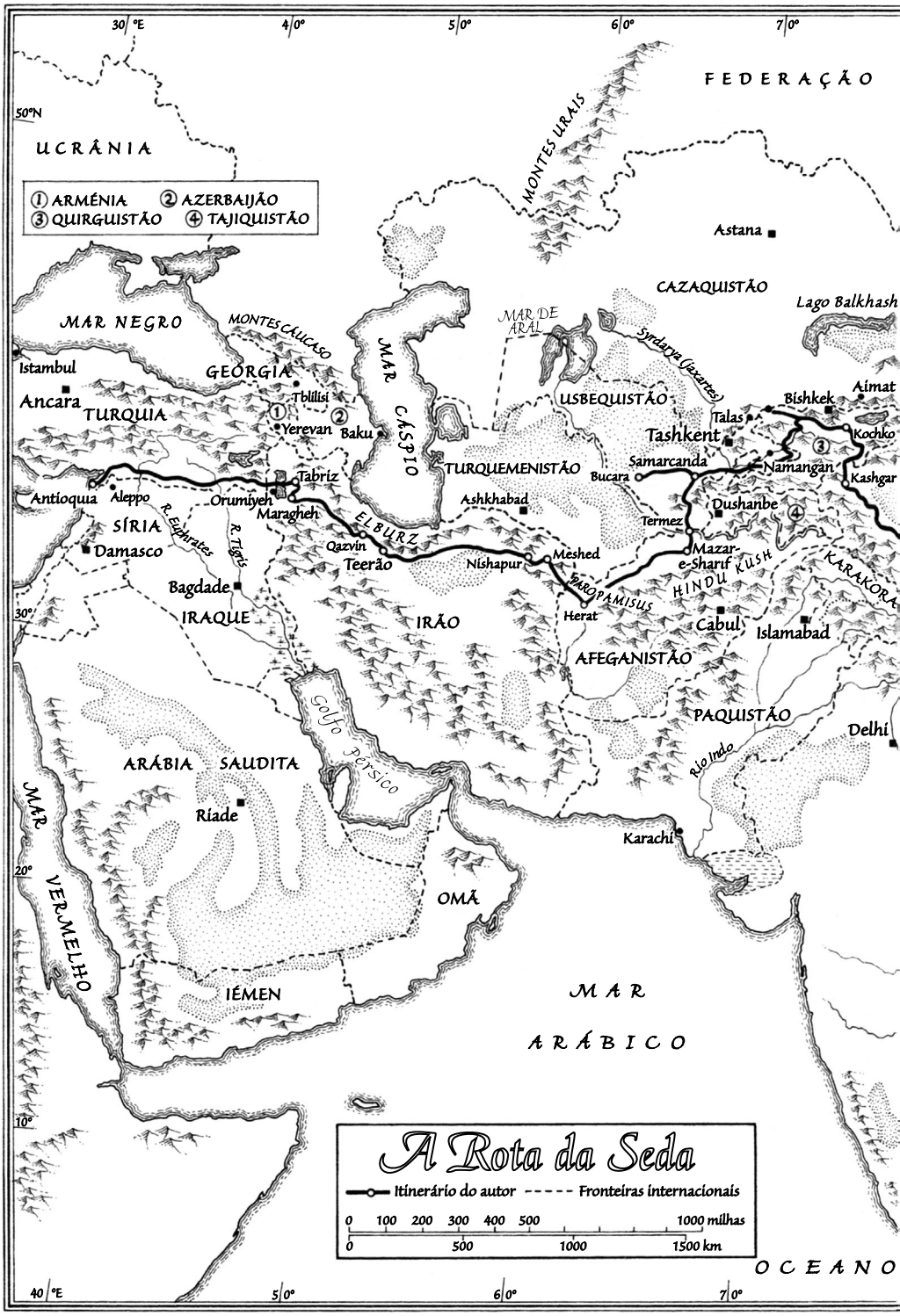
BERTRAND EDITORA
Lisboa 2014

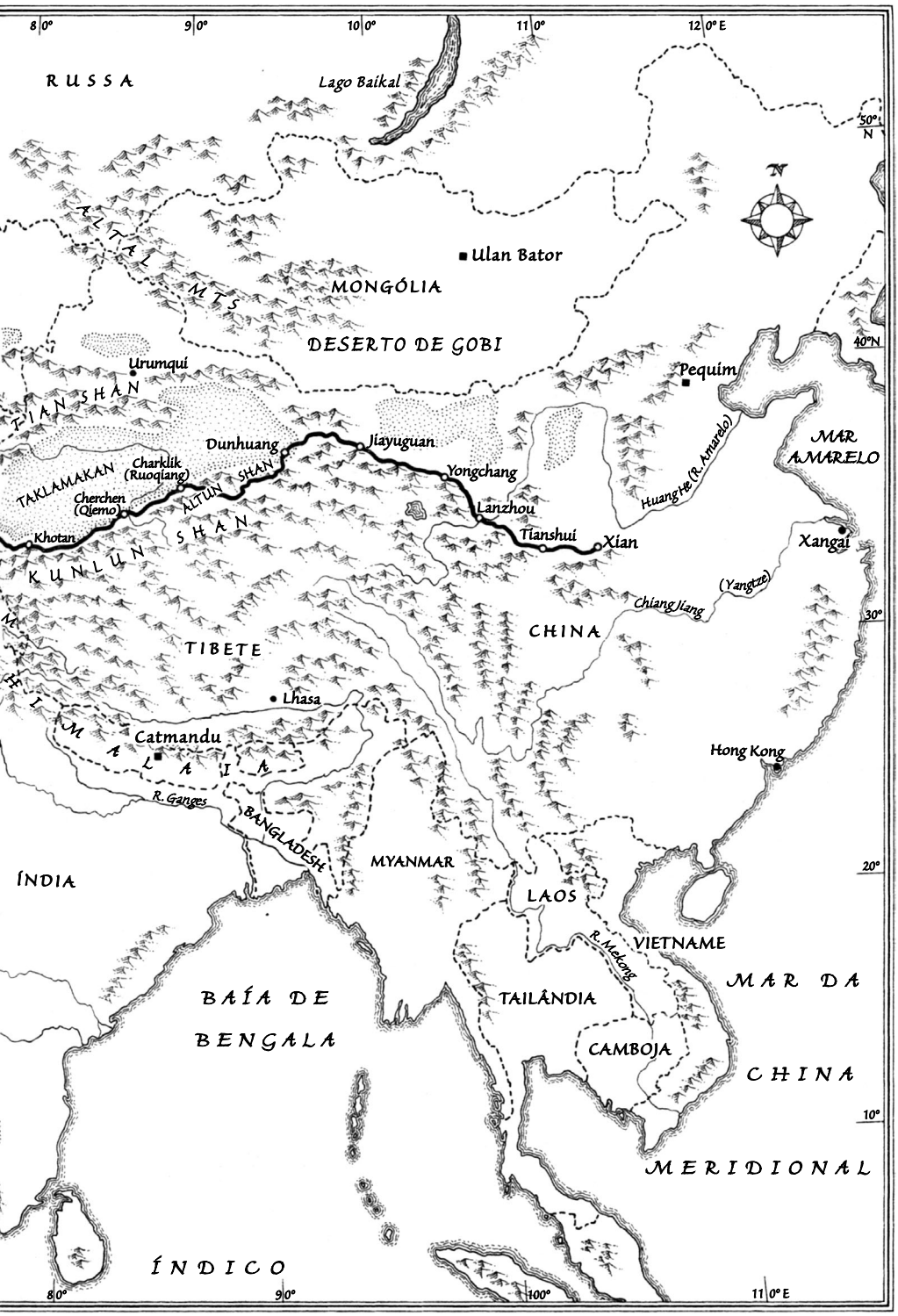
Para Paul Bergne

MAPAS

A Rota da Seda 10-11
De Xian a Kashgar 14-15
De Kashgar a Meshed 186-187
De Meshed a Antakya 308-309

Mapas desenhados por Reginald Piggott

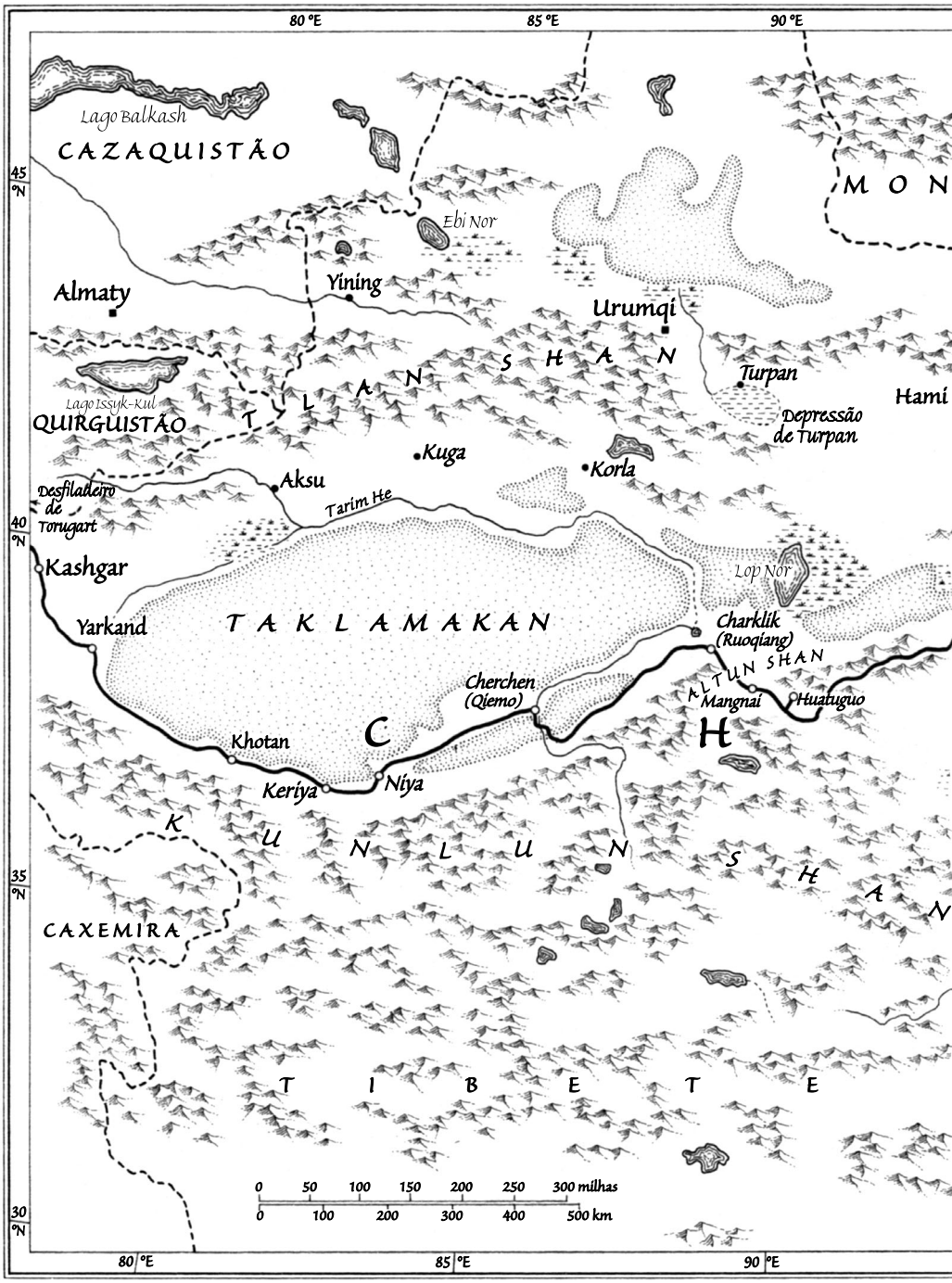

A Rota da Seda
Itinerário do autor
Fronteiras internacionais
0 100 200 300 400 500 1000 milhas
0 500 1000 1500 km
FEDERAÇÃO
UCRÂNIA
① ARMÉNIA ② AZERBAIJÃO
③ QUIRGUISTÃO ④ TAJIQUISTÃO
MONTES URAIS
Astana
CAZAQUISTÃO
Lago Balkhash
MAR NEGRO
MONTES CAUCASO
MAR DE ARÁL
Syrdarya (Jaxartes)
MAR CÁSPIO
Istambul
GEÓRGIA
Tbilisi
Ancara
TURQUIA
Yerevan
Baku
USBEQUISTÃO
Bishkek
Aimat
Talas
Tashkent
Kochko
Samarcanda
Namangan
Kashgar
Bucara
TURQUEMENISTÃO
Tabriz
Antioquia
Aleppo
Orumiyeh
Maragheh
Ashkhabad
Dushanbe
Termez
SÍRIA
R. Eufrates
R. Tigris
ELBURZ
Damasco
Qazvin
Teerão
Nishapur
Meshed
Mazar-e-Sharif
HINDU KUSH
KARAKORA
Bagdade
PARQPAMISUS
Herat
Cabul
Islamabad
IRAQUE
IRÃO
AFEGANISTÃO
Golfo Pérsico
PAQUISTÃO
Delhi
Rio Indo
ARÁBIA SAUDITA
Riade
MAR VERMELHO
Karachi
OMÃ
IÉMEN
MAR ARÁBICO
OCEANO
50°N
30°
20°
10°
30°E
40°E
40°E
50°E
60°E
70°E

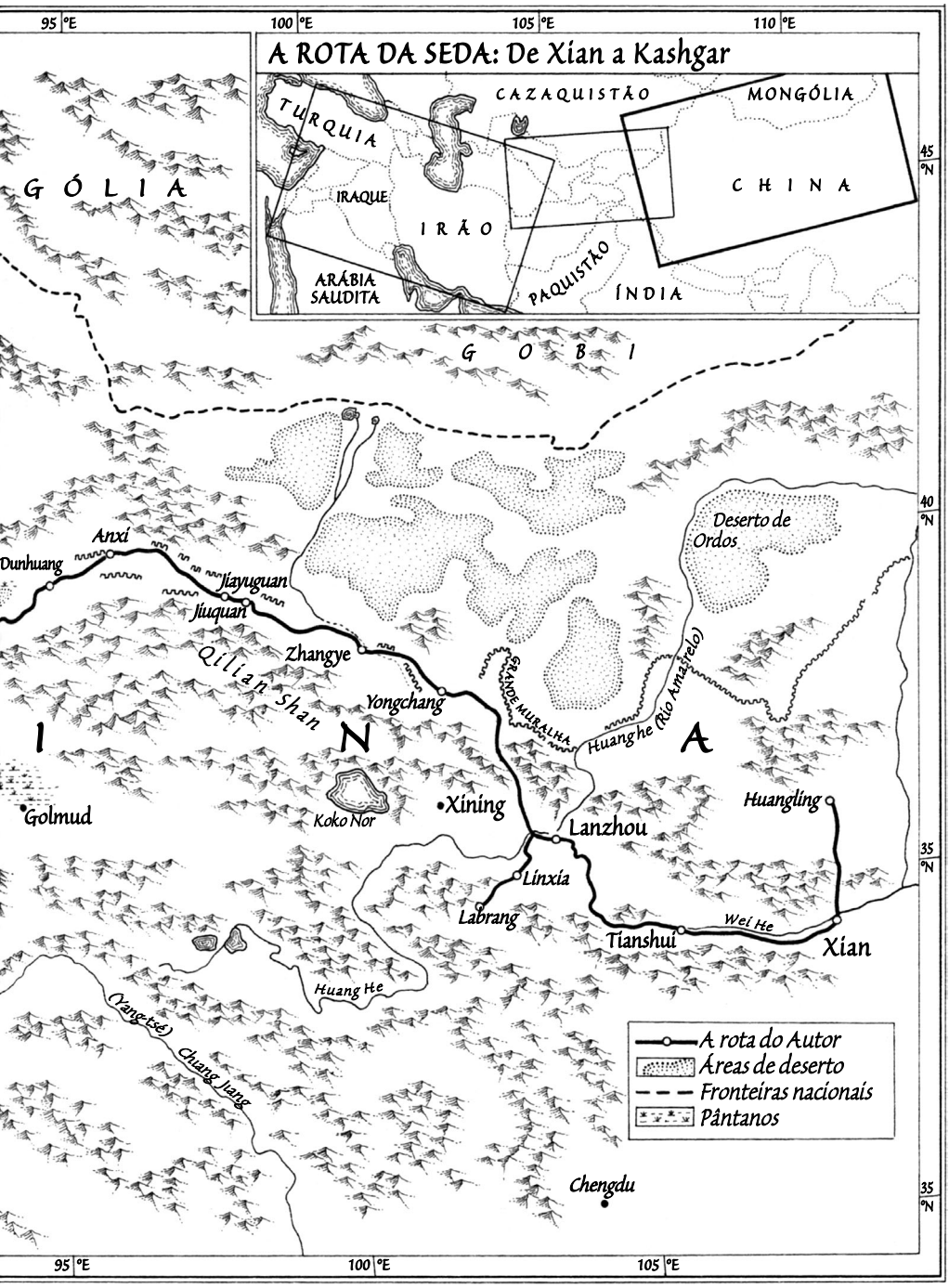

80°
90°
100°
110°
120° E
RUSSA
Lago Baikal
50° N
N
ALTAI MTS
Ulan Bator
MONGÓLIA
DESERTO DE GOBI
40°N
Urumqui
Pequim
TIAN SHAN
Dunhuang
Jiayuguan
MAR AMARELO
TAKLAMAKAN
Charklik (Ruoqiang)
SHAN
Yongchang
Huang He (R. Amarelo)
Cherchen (Qiemo)
ALTUN
Lanzhou
Khotan
SHAN
Tianshui
Xian
Xangai
KUNLUN
(Yangtze)
Chiang Jiang
30°
CHINA
TIBETE
Lhasa
Catmandu
Hong Kong
R. Ganges
BANGLADESH
MYANMAR
20°
ÍNDIA
LAOS
R. Mekong
VIETNAME
MAR DA
BAÍA DE
BENGALA
TAILÂNDIA
CAMBOJA
CHINA
10°
MERIDIONAL
ÍNDICO
80°
90°
100°
110° E

NOTA DO AUTOR

A viagem relatada nesta obra foi interrompida pelos combates no norte do Afeganistão. No entanto, o troço de estrada adiado foi percorrido no ano seguinte, na estação inicialmente prevista.

Devido ao clima de incerteza política, as identidades de diversas personagens descritas foram disfarçadas.


80 °E
85 °E
90 °E
45 °N
40 °N
35 °N
30 °N
Lago Balkash
CAZAQUISTÃO
Ebi Nor
Almaty
Yining
Urumqi
T L A N S H A N
Turpan
Hami
Depressão de Turpan
Lago Issyk-Kul
QUIRGUISTÃO
Kuga
Korla
Aksu
Tarim He
Desfiladeiro de Torugart
Kashgar
Lop Nor
Yarkand
T A K L A M A K A N
Charklik (Ruoqiang)
ALTUN SHAN
Cherchen (Qiemo)
Mangnai
Huatuguo
C H
Khotan
Keriya
Niya
K U N L U N S H A N
CAXEMIRA
T I B E T E
0 50 100 150 200 250 300 milhas
0 100 200 300 400 500 km


A ROTA DA SEDA: De Xian a Kashgar
TURQUIA
CAZAQUISTÃO
MONGÓLIA
CHINA
IRAQUE
IRÃO
ARÁBIA SAUDITA
PAQUISTÃO
ÍNDIA
GÓLIA
GOBI
95 °E
100 °E
105 °E
110 °E
45 °N
40 °N
35 °N
Deserto de Ordos
Anxi
Dunhuang
Jiayuguan
Jiuquan
Qilian Shan
Zhangye
Yongchang
GRANDE MURALHA
Huang he (Rio Amarelo)
IN
A
Golmud
Koko Nor
Xining
Lanzhou
Huangling
Linxia
Labrang
Tianshui
Wei He
Xian
Huang He
(Yang-tsé)
Chang Jiang
Chengdu
A rota do Autor
Áreas de deserto
Fronteiras nacionais
Pântanos

1

ALVORECER

Ao romper do dia, a paisagem está vazia. Transpõe-se o lago por uma ponte de granito cinzento e, para além dela, um templo cintila com um reflexo pálido. A luz incide pura e serena. Os ruídos da cidade desvaneceram-se e o silêncio intensifica o vazio — o lago artificial, o templo, a ponte —, como as formas presentes para uma cerimónia esquecida.

Enquanto subo o terraço em três níveis que conduz ao santuário, uma montanha sombria avoluma-se ao meu lado, recortada contra a linha do horizonte e coberta de árvores antigas. Os meus passos soam frágeis nos degraus. A pedra nova e as árvores antigas criam na mente uma suave confusão. Algures, na floresta acima de mim, entre os ciprestes milenários, encontra-se o túmulo do Imperador Amarelo, o mítico antepassado do povo chinês.

Alguns peregrinos deambulam pelo pátio do templo e vendedores debaixo de toldos amarelos oferecem rosas amarelas. O local é calmo e as sombras, densas. Ciprestes gigantes invadiram o recinto e agora erguem-se, cinzentos e vetustos, como que a petrificar-se. Diz-se que um foi plantado pelo próprio Imperador Amarelo; outro é a árvore onde o grande imperador Wudi, fundador do santuário há dois mil anos, pendurava a armadura antes de fazer as suas orações.

Os peregrinos tiram fotografias uns aos outros. Posam com ar grave, ganhando prestígio com a magia do lugar. Aqui, o seu passado torna-se sagrado. O único som é o sussurro dos bambus e o murmúrio

dos visitantes. É a sua própria herança que eles homenageiam neste templo, o seu prestígio no mundo, porque foi o Imperador Amarelo que inventou a própria civilização. Foi ele que criou a China — e a sabedoria.

A mulher contempla uma grande pedra, com duas enormes pegadas inscritas. Frágil e juvenil, sobressalta-se quando vê um estrangeiro. Ri, tapando a boca com os dedos, pede desculpa, mas os estrangeiros não vão ali. Explica que as pegadas pertencem ao Imperador Amarelo.

— A sério?

— Sim. Uma das concubinas dele usava-as para fazer botas. Foi ele que inventou as botas.

Durante um breve período de tempo, seguimos ao longo de lápides onde estão gravadas as homenagens aos primeiros imperadores e, no extremo do pátio, chegamos à Sala do Fundador da Civilização Humana. Sobre o altar, ardem velas e incenso e amontoam-se frutos de plástico. Quando a interrogo, o olhar da mulher fixa-se no meu com uma expressão de candura. O Imperador Amarelo inventou a escrita, a música e a matemática, diz ela. Descobriu a seda. Foi ali que a história teve início. Sucessivas gerações visitam o local.

— E agora o senhor também. Pertence ao governo do seu país? — pergunta ela. Mas os seus olhos fixam-se nas minhas calças velhas e nos ténis empoeirados. — É professor?

— Sim — minto eu.

Já esboço uma nova identidade: um professor que gosta de história, e com uma família na pátria. Não quero que me interroguem.

— Então, é por isso que fala mandarim — diz ela, embora eu me exprima mal e quase sem entoação. — E onde vai?

Penso responder Turquia, o Mediterrâneo, mas parece absurdo. Ouço-me responder:

— Vou seguir a Rota da Seda em direção a noroeste, até Kashgar.

A resposta é bastante bizarra. Ela esboça um sorriso nervoso. Sente que já foi longe de mais e cala-se. Mas a pergunta não formulada *Porque vai lá?* desenha entre os seus olhos uma ténue flor de lis de perplexidade. Na China, esse *Porquê?* raramente é formulado. É demasiado indiscreto, demasiado íntimo. Caminhamos em silêncio.

Por vezes, uma viagem tem origem na esperança e no instinto, na convicção embriagadora que nos assalta, enquanto o dedo percorre o mapa: *Sim, aqui e aqui... e aqui também. Estas são as extremidades nervosas do mundo...*

Uma centena de razões incita-nos a partir. Vamos entrar em contacto com identidades humanas, povoar um mapa vazio. Pensamos que aquele é o centro do mundo. Vamos ao encontro de formas de fé multifacetadas. Partimos porque ainda somos jovens e ávidos de estímulos, ansiamos por ouvir as nossas botas a ranger na poeira; partimos porque somos velhos e precisamos de compreender qualquer coisa antes que seja demasiado tarde. Partimos para ver o que se irá passar.

Porém, seguir a Rota da Seda é seguir um fantasma. Embora ela percorra o coração da Ásia, oficialmente desapareceu, deixando para trás as marcas da sua turbulência: fronteiras falsificadas, povos que não vêm no mapa. Onde quer que estejamos, a estrada bifurca e deambula. Não é uma via única, mas muitas: uma teia de escolhas possíveis. A minha estende-se por mais de onze mil quilómetros e, por vezes, pode revelar-se perigosa.

Mas no templo do Imperador Amarelo o olhar da mulher desviou-se para norte.

— Ele foi enterrado além, na montanha — diz ela. — Está escrito que, quando o imperador voou para o céu, as pessoas lhe agarraram a roupa, tentando retê-lo. Há quem diga que só a roupa dele está ali enterrada. Mas eu não creio que isso seja verdade. — Fala baixinho, com uma ponta de tristeza inexplicável. — O túmulo é muito pequeno, nada semelhante aos dos imperadores que se seguiram. Penso que a vida era mais simples naquele tempo.

Caminhamos durante mais um minuto sob os beirais do templo. Depois, de súbito, o silêncio é estilhaçado pelo gaguejar de martelos pneumáticos e pelo ronco dos camiões de entulho.

— Estão a construir o novo templo — explica ela. — Para celebrações e conferências. Este é pequeno de mais. O novo há de levar cinco mil pessoas.

Mais tarde, da encosta do monte, olho o estaleiro de construção lá em baixo, onde irá situar-se o futuro edifício. Imagino os imutáveis

templos-pavilhões da China, sem nada que os pressione, a erguerem-se do seu granito descorado. Este local, Huangling, pode ficar cento e sessenta quilómetros a norte da moderna Xian, mas está perdido nas profundezas de outra época de erosão e pobreza. Quem virá aqui?

Mas todo o local está a ressurgir como santuário nacional e o antigo templo já se encontra repleto de estelas memoriais erigidas pelos dirigentes chineses em homenagem ao «pai da nação». Aqui, a caligrafia em pedra é de Sun Yat-sen, de 1912, e de Chiang Kai-shek, mais tosca, como seria de prever; de Mao Tsé-Tung, que mais tarde iria acusar o Imperador Amarelo de ser feudal; de Deng Xiaoping e do odiado Li Peng.

O clamor dos trabalhos de restauro esmorece quando se sobe o trilho que serpenteia por entre o bosque de ciprestes. Ouve-se o som de um pica-pau a abrir um buraco algures e, mais acima, vozes humanas ressoam e desvanecem-se. Aqui e ali, um poste de bambu com uma bandeira amarela assinala o caminho. Estamos a mergulhar nas profundezas do passado. Perto do cume, o caminho transforma-se numa escada de pedra e as árvores assumem formas fantasmagóricas, com os troncos retorcidos como chupa-chupas de açúcar de malte ou violentamente rachados, deixando entrever meandros de veias azul-ardósia. Aqui, o mais nobre dos mandarins, ou mesmo o imperador, abandonava a sua liteira e dirigia-se para o mausoléu a pé.

Da música ao calendário, poucas coisas há cuja descoberta não seja atribuída ao Imperador Amarelo. Reinou cem anos, até 2597 a.C., antes de subir ao céu montado num dragão. Foi ele que instituiu as festas da terra e da seda. Desde tempos remotos, os imperadores que lhe sucederam inauguravam o ano abrindo na terra um sulco ritual com um arado, enquanto as imperatrizes ofereciam casulos e folhas de amoreira no altar da sua esposa Lei-tzé, a Senhora dos Bichos-da-Seda.

Segundo a lenda, foi Lei-tzé que descobriu a seda. Enquanto passeava nos jardins, reparou numa lagarta estranha que devorava as folhas de amoreira. Durante vários dias, observou-a a tecer uma teia

dourada onde ia ficando encerrada, e imaginou que se tratava da alma de um antepassado. Depois viu-a fechar-se e julgou-a morta... até ao momento em que a borboleta reencarnada saiu do seu casulo. Intrigada, a brincar com o minúsculo sudário rasgado, a imperatriz deixou-o cair inadvertidamente dentro do chá. Com todo o vagar, pegou na fibra amolecida e começou a desenrolá-la, cada vez mais surpreendida ao vê-la transformar-se num longo filamento de seda reluzente. Mais tarde, seria ela a ensinar a tecelagem da seda e a criação da misteriosa lagarta, e, quando morreu, foi divinizada e atribuíram-lhe um lugar no céu na casa celestial de Escorpião, a constelação da Casa da Seda.

Chega-se ao cimo da elevação, a que os antigos chamavam monte Qiao. As árvores filtram a luz do Sol e o fumo do incenso. As pessoas vão ali fazer sacrifícios desde o século VIII a.C., e o imperador Wudi mandou construir um estrado para as orações, agora em suave decomposição. Os poucos guardas olham-nos com uma surpresa muda. Ao lado da plataforma, veem-se caldeirões do tamanho de betoneiras atulhados de pauzinhos de incenso, e alguém está a percutir um tronco suspenso contra um sino descomunal, cujo som faz estremecer a floresta.

Mais além, ergue-se o túmulo do Imperador Amarelo, rodeado por um muro sombrio de ciprestes que o torna quase invisível. Só tem quatro metros de altura e está cercado por tufos de arbustos. É possível contorná-lo, em passos hesitantes, por um caminho de terra batida. Defronte, a estela funerária reza o seguinte: «O Cavaleiro do Dragão do monte Qiao». Mas perguntamo-nos quem era ele e como teria morrido, na realidade. Alguns historiadores pensam que o dragão representa a recordação de um meteoro, cuja queda cataclísmica teria feito desaparecer o imperador. Os vestígios desse evento foram identificados nas proximidades.

Enquanto percorremos a orla da montanha, o enigma adensa-se. As colinas áridas que por todos os lados se avistam ao longe não pertencem à China clássica, mas a um mundo mais duro. É aí que a província de Shaanxi se estende em direção à Mongólia. Tribos bárbaras — hunos, turcos, mongóis — desceram para sul ao longo deste

corredor e penetraram no coração da China, até às cidades a formigar de gente do rio Amarelo. Em antigos livros de história mais rigorosos, o Imperador Amarelo teria sido o seu precursor: um chefe de clã vindo de noroeste, que comandou uma invasão e unificou os povos que encontrou pelo caminho. É curioso. Como que para acalmar esta torrente nómada e integrá-la na história controlável, sábios de épocas tão remotas como o século XI a.C. inseriram o conquistador no tempo como seu antepassado. Mudaram-lhe a cor para a do solo amarelo da China interior, onde o loess arrancado pelo vento aos desertos do norte se deposita nos campos férteis. Atribuíam o preto ou o vermelho aos solos bárbaros, enquanto o branco era a cor da morte e do Ocidente. Mas o amarelo era a cor do coração do mundo.

Termino a volta ao túmulo, confuso. De súbito, este não representa uma relíquia de qualquer idade de ouro, mas é a sepultura primitiva de um chefe nómada. O pai da China não tinha nada de chinês.

Quanto à Senhora dos Bichos-da-Seda, também ela se desvanece na história conhecida. A sericicultura alastrara ao longo dos rios chineses muito antes do seu tempo. Há mais de seis mil anos, um habitante de uma aldeia neolítica gravou um bicho-da-seda numa taça de marfim e arqueólogos encontraram um casulo aberto artificialmente. Nas ruínas de uma cidade do Turquemenistão, foi encontrada seda do final do terceiro milénio antes de Cristo, e sítios antigos revelaram instrumentos de fiar e mesmo fitas de seda tingidas de vermelho.

Na clareira da floresta, junto ao estrado das orações, um dos guardas estende-me a mão aberta para receber dinheiro, na esperança de me vender incenso. Mas, movido por um capricho, escolho outra forma de homenagem. Lanço o tronco pintado — que é mais pesado e se move mais depressa do que eu esperava — contra o sino suspenso. Na clareira sombria, ressoa com um ruído difuso, que se prolonga muito depois de eu ter largado o tronco. Repercute-se na plataforma, na floresta, no túmulo, como um conhecimento melancólico. É inquietante, de uma maneira indefinida. Os outros peregrinos voltam-se para olhar. O som é mais importuno do que qualquer incenso ou vela.